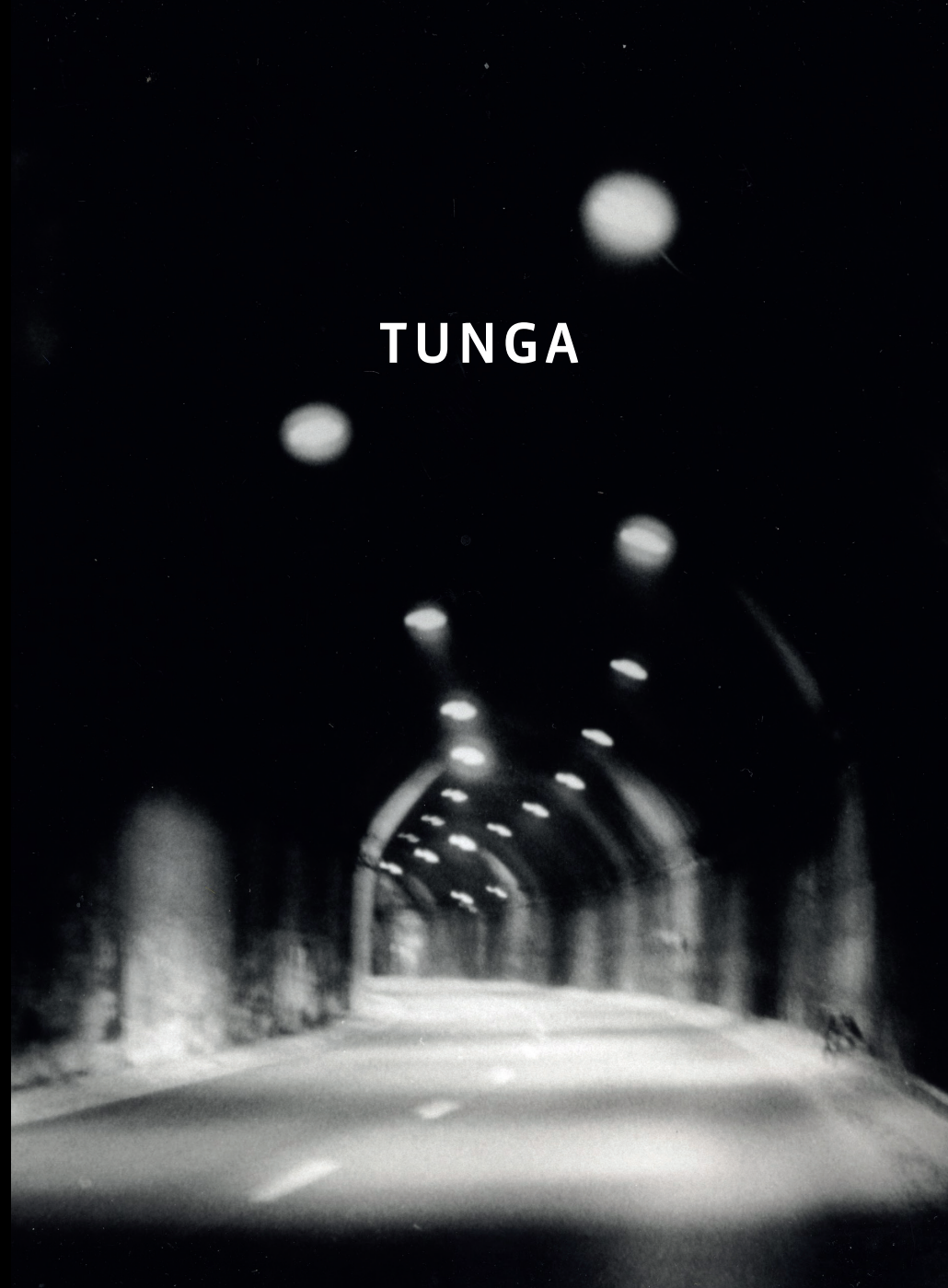


TUNGA

TUNGA





Tunga *Xifópagas capilares*, 1985, performance registrada em Inhotim, 2012. Foto: Daniela Paoliello

1

QUERIDOS OUVINTES, SE ME PERMITEM AQUI CONTAR ALGO QUE TALVEZ ESCLAREÇA, ou possa quem sabe, puxar um fio de um novelo que a muito parecia escondido.

Trata-se da história das gêmeas que nasceram unidas pelo cabelo. Tão fantástico fato que jamais ninguém, nem mesmo seus pais, ousou, com nenhuma tesoura ou faca, separar. Este ocorreu numa terra distante num povoado assim como o nosso. Os senhores podem imaginar a tamanha discórdia que a presença das gêmeas siamesas gerou na cidade. Se, para alguns, aquele era um sinal mágico ou divino, ou mesmo um grande fato científico; para outros, elas trariam infortúnio e mau agouro.

Resolveram então, aceitá-las unidas até a puberdade, quando enfim seriam separadas. E para evitar qualquer resistência ao acordo, das próprias meninas ou de qualquer outro, decretaram que, do contrário, as irmãs seriam sacrificadas.

Elas passaram os anos fingindo-se despercebidas. As meninas, caladas, já haviam se decidido: jamais se separariam. Nas ruas, só se ouvia o mesmo ruído: há xifópagas capilares entre nós. A cidade se deu em ruínas assim que surgiram os sinais púbicos. Em meio à desavença, a facção mais forte deliberou que o corte

deveria ser efetuado e por vontade das meninas, caso contrário, elas seriam sacrificadas. Frente à recusa das jovens, elas foram condenadas, sendo honradas com um simples pedido: nenhum fio deveria ser dividido. Foram então decapitadas, decepadas por um só golpe e suas cabeças penduradas numa árvore.

Já fazia muito tempo, a tranquilidade voltara ao povoado, quando lá surgiu um homem astuto que informado da mitologia que cercava aquele estranho troféu, viu nele um belo presente para sua amada. Resgatou do galho da árvore aquela rara tapeçaria, já separada dos crânios semeados à terra. E, nas extremidades ressecadas do couro cabeludo, encontrou um lugar para escrever de forma sintética toda a estória daquele escalpo. A amada esposa guardou intacta a prenda e, em segredo, retirou da peruca apenas um par de fios. Com eles bordou numa fina seda uma imagem extraída de seus sonhos. Durante a confecção dessa tarefa, se deu conta que os pelos se metalizavam e douravam paulatinamente. Uma vez pronto o bordado, os fios reluziam como ouro

Reluzem até hoje, e, se bem me lembro, ou se ouvi falar, tudo o que foi dito se apaga e ninguém pode provar.

2

EU E MEUS AMIGOS ESPALHADOS POR AÍ, NOUTRO DIA NOS ENCONTRAMOS e então nos perguntamos, onde está aquele matemático especializado na teoria dos nós. Pois para quem não sabe, a teoria dos nós é uma área da topologia que estuda os nós matemáticos. Os nós matemáticos são inspirados nos cadarços e cordas da vida quotidiana; porém, a noção matemática de nó é diferente, pois as pontas são unidas de forma que não podem ser desfeitas. Matematicamente falando, um nó é uma imersão de um círculo no espaço euclidiano tridimensional, R elevado a 3.

Um amigo então nos contou que o encontrou há algum tempo. Sim, ele, sempre interessado na conversão de nós em tranças, estava em Havana, capital de Cuba, desenvolvendo, na arte de fumar charutos e fazer fumaças circulares, os elementos necessários para a continuidade da solução de seus enigmas.

Tunga *À La Lumière Des Deux Mondes*, 2005. Foto: Pedro Motta



3

SENHORAS E SENHORES QUE ME ESCUTAM COM ATENÇÃO AGORA EM VOZ ALTA AQUILO que por acaso, ouvi aos sussurros. Sobre um não muito famoso cientista, ou poeta, que descobriu um novo espectro de cores.

Com certeza trata-se de uma paródia ao trabalho de Newton. Para quem não sabe, foi Newton quem criou o espectro de cores. Uma cartela de papel, de corte redondo, colorida em frações convergentes com cores devidamente escolhidas; que, quando girada em velocidade sobre seu eixo, faz, aos nossos olhos, todas as cores se parecerem com o branco. Neste novo espectro proposto, as cores são diferentes das de Newton. Nele encontramos o negro opaco, o ultravioleta, o infravermelho, o amarelo iridescente e o branco turvo. Ao mesclar todas as cores em um rápido giro, nosso cientista descobriu uma nova claridade. Justamente aquela apropriada ao fotofóbico Nosferatu, ... assim como às larvas de inseto e aos peixes abissais.

Tunga *Resgate/Nigredo*, 2001, performance registrada em Inhotim, 2012. Foto: Daniela Paoliello



4

EXISTEM DENTRE NÓS AQUELES QUE JÁ VIRAM. EXISTEM OS QUE IRÃO VER.

Há todo tipo de cegos e todo tipo de vidente. Pois escutem senhores esta história e pensem o que a nós está reservado ver.

Uma Pitonisa recebe um forasteiro em sua casa ávido por descobrir as respostas para suas aflições. Ela serve a ele cristal de rocha picado e dá de beber um líquido amarelo. Depois de grande agonia, o forasteiro processa aquele alimento e o expela em fezes que são delicadamente amparadas por uma bandeja de prata. A pitonisa colhe diversos diamantes entre as fezes, e com eles consegue prever seu futuro. Os diamantes são lidos como se leem as estrelas. O forasteiro, iluminado por aquelas revelações, sai sem rumo, desesperado pela porta da casa. Na noite estrelada, ele some, se afundando na escuridão.



Tunga *Sem título*, 1985, da série Vanguarda viperina. Foto: Cortesia Estúdio Agnut

5

AS SENHORAS E AOS SENHORES QUE SE DISTRAEM COM AS FORMAS DAS ÁRVORES, se perguntando o porquê destes galhos, se esse fruto se come; comparando tipos de tronco, cores e aromas, peço que me ajudem a imaginar uma árvore rara. Uma árvore imaginária, que me contaram que existe, usando essas mesmas palavras.

Duas irmãs gêmeas idênticas, uma em cada Polo da Terra, mastigaram um fruto. Cuspiram as sementes, que caíram certas sobre o eixo terrestre. Depois de darem um passo para trás, elas congelaram, esculpidas pelos frios ventos austral e boreal. As árvores germinaram. Como lá cresceram, não se sabe. E agora, attem para os detalhes, pois é deles que precisamos.

As sementes encontraram na superfície da Terra o exato ponto do eixo de rotação magnético, e lá penetraram. A partir deste eixo, cresceram e subiram ao céu, como se as duas sementes, a do Polo Sul

e a do Polo Norte, de alguma forma se interligassem, mas estivessem desprendidas da Terra, e desligadas da sua rotação. Esta conexão fez com que elas ficassem paradas em relação às coisas e matérias presentes no planeta. Assim, cada árvore, ao crescer e depois de crescida, permaneceu girando como um pião.

Bem, avisei que precisaria da imaginação de vocês. Agora, se lembrarem das irmãs congeladas, cravadas à Terra, permitam-se imaginar o formato que essas árvores tomaram na medida em que cresceram, sendo torneadas pelo gelado e afiado perfil das meninas. Que forma final cada árvore tomou?

Só posso dizer que as silhuetas destas árvores possuem as memórias daquelas que as semearam.

Olhando para as árvores que estão à nossa volta, depois dessa viagem aos polos; penso: quem as semeou? O que as torneou?

Tunga *Prole do bebê*, 2000, performance registrada em Inhotim, 2012. Foto: Daniela Paoliello



6

TENHO CERTEZA, SENHORAS; TENHO CERTEZA, SENHORES; QUE VOCÊS não deixarão de repetir as histórias que escutam. E assim como esse humilde orador, não levantarão dúvidas nem questionarão detalhes. Pois sabem que a certeza, em alguns casos, de nada vale.

Um dia, caminhando pela praia, envolvido no decifrar do mistério da Santíssima Trindade, um homem se distraiu ao ver um menino que, com um dedal, retirava água do mar e a transferia para um pequeno buraco feito na areia. Santo Agostinho, sem perceber que se tratava de um anjo, o interpelou – criança, não entendes que esta é uma atividade insana? Ao que o anjo respondeu – mas insano sois vós tentando compreender os mistérios da Santíssima Trindade através da torpe razão.

7

SEM QUE COLOQUEM A MÃO EM SEUS BOLSOS, PODERIAM OS SENHORES ME dizer o que há neles? Muitos sabem ou se lembram. Mas, certamente, sempre será uma surpresa enxergar com a ponta dos dedos esses pequenos tesouros que carregamos, para esquecermos que os carregamos.

Pois então, um homem, um poeta, não se sabe bem quem, havia conseguido, com um pajé de uma tribo indígena do interior da Amazônia, uma fórmula do encolhimento de cérebros. Preso, ele havia dividido este segredo com um colega de cela. Os dois prisioneiros, aproveitando a condição do cárcere,

desenvolveram um plano que relacionava o conhecimento a uma mobilidade – mesmo que reclusa. Conseguiram cérebros alheios, encolheram-nos em tamanhos de pequenos frutos. E assim, eles caminhavam pelo pátio da prisão carregando em seus bolsos cérebros diminutos, capazes de conter todas as experiências de uma vida.

A prática, que poucos sabiam de onde havia surgido, hoje se transformou em um crime inafiançável. Contrabando de cérebros diminutos. Esta prática ilícita se espalhou pelos grandes centros urbanos, se tornando, hoje, um verdadeiro problema de segurança pública.



Tunga *Debaixo do meu chapéu*, 1995. Foto: Pedro Motta

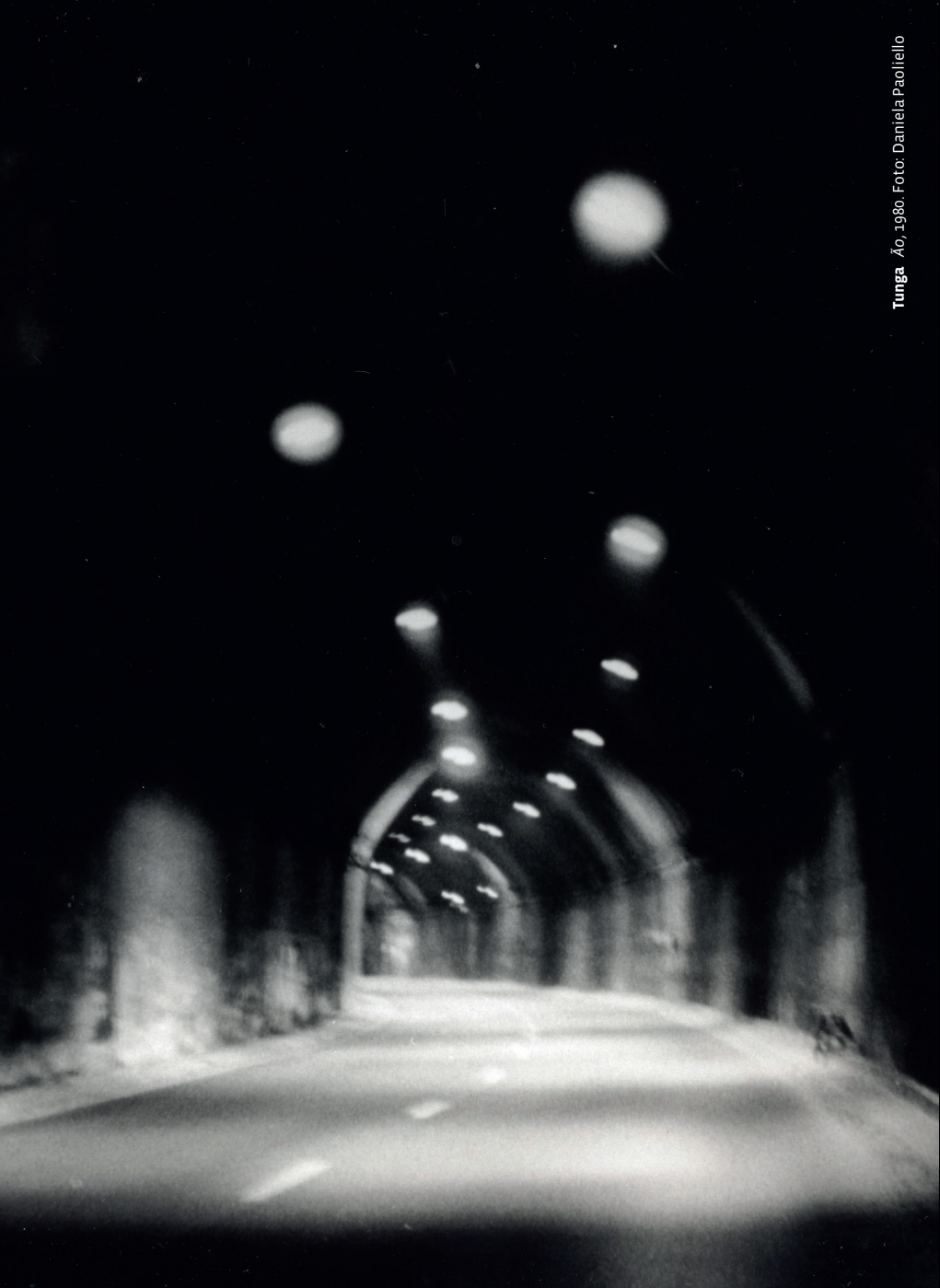


Tunga *Resgate/Nigredo*, 2001, performance registrada em Inhotim, 2012.
Foto: Daniela Paoliello

As narrativas aqui apresentadas foram selecionadas e transcritas de “Barroco de Lírios” (Cosac Naify, 1997), de registros áudio visuais de performances, ou diretamente do próprio artista, e modificadas para um formato de tradição oral.

Transcritas e adaptadas por Fernando Sant’Anna, algumas fazem referência direta às obras do artista, como é o caso de *Nosferatu Spectrum* (2001), *Lezart*, (1989), *Eixo Exógeno* (1986), entre outras. Sem que necessariamente expliquem a obra de Tunga as narrativas se relacionam a ela, tornando-se difícil afirmar o que surgiu primeiro, a narrativa ou a obra física.

Esta edição foi distribuída no dia 8 de Setembro de 2016, durante a programação de homenagem do Inhotim ao artista Tunga (1952 - 2016).



Tunga. Ao, 1980. Foto: Daniela Paoliello

